



LEONEL ALVARADO E A INTEGRAÇÃO MULTICULTURAL entre América Latina e Nova Zelândia

LEONEL ALVARADO AND THE MULTICULTURAL INTEGRATION between Latin America and New Zealand

LEONEL ALVARADO Y LA INTEGRACIÓN MULTICULTURAL entre América Latina y Nueva Zelanda

Luciano Victor Barros Maluly¹ & Carlos Augusto Tavares Junior²

RESUMO: Leonel Alvarado é professor, pesquisador e coordenador do Departamento de Português e Espanhol da Faculdade de Humanidades e Ciências humanas da Massey University, em Wellington, na Nova Zelândia. Além do ensino de línguas e da pesquisa em literatura e linguística, Alvarado se destaca pelo ativismo cultural, especialmente pelas atividades relacionadas ao universo da poesia e da música universal. Um desses projetos debate o Radiojornalismo e a Integração Multicultural entre Artistas da Nova Zelândia e da América Latina, em particular, os brasileiros.

PALAVRAS-CHAVES: Leonel Alvarado. Integração Multicultural. Poesia e Radiojornalismo

ABSTRACT: Leonel Alvarado is professor, researcher and coordinator of the Portuguese and Spanish literature department of Massey University's College of Humanities and Social Sciences in New Zealand. In addition to his teaching, Alvarado is distinguished by his social activism, especially for promoting activities related to world poetry and music. One of his projects deals with Radio Journalism and Multicultural integration between New Zealand and Latin American artists, among them Brazilian artists residing in New Zealand.

¹ Luciano Victor Barros Maluly é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor na Escola de Comunicações e Artes. E-mail: lumaluly@usp.br.

² Carlos Augusto Tavares Junior é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando da Escola de Comunicações e Artes. E-mail: carlostavaresjr@alumni.usp.br.

KEYWORDS: Leonel Alvarado. Multicultural Intregation. Poetry and Radio Journalism

RESUMEN: Leonel Alvarado es profesor, investigador y coordinador del Departamento de Portugués y Español de la Facultad de Humanidades y Ciencias humanas de Massey University, en Wellington, Nueva Zelanda. Además de la enseñanza de idiomas y de la investigación en letras y lingüística, Alvarado hay se destacado en ativismo cultural, en especial las actividades relacionadas a poesía y música universal. Un de eses proyectos discute el Radio Periodismo y la Integración Multicultural entre artistas de Nueva Zelanda y América Latina, en particular, los brasileños.

PALABRAS CLAVES: Leonel Alvarado. Integración Multicultural. Poesía y Radio Periodismo

O
Sujeito



122

FIGURA 1: Leonel Alvarado
FOTO: David Lupton

O contato com a palavra foi essencial ao menino, filho de Lisandro Alvarado e Teresa Vilelda, que nasceu em uma área indígena de Honduras, no estado de Copán, perto da fronteira com a Guatemala. Ali, conheceu o universo de muitas histórias, como as contadas pela avó, Edelmira Claros, sobre espíritos, mitologia e, especialmente, sobre a cultura maia. A avó era parteira e praticava medicina tradicional indígena. Assim, aquele fascínio pelos mistérios das plantas e pela magia das palavras, além da proximidade da cidade maia da Copán, sobre a qual escreveu o livro *El reino de la zarza* (Costa Rica, EDUCA,1994), foram essenciais na poesia futura de Leonel Alvarado.

Aquelas referências despertaram no garoto o interesse pela leitura e, desta forma, nascia o mundo vibrante inspirado pelos romances e poesias. As histórias da avó também estavam naqueles livros, ajudando a florescer os primeiros textos ainda aos 10 anos. O tempo passou e aquela literatura e o contato com a palavra falada permaneceram em sua memória.

Na Faculdade de Letras da Universidad Nacional da Honduras, começou a ler os textos dos grandes autores, como a mexicana Juana Inés de la Cruz, uma das principais escritoras barrocas do século XVII, que é figura permanente em suas palestras e leituras, sem esquecer da forte influência em sua poesia. Ele ainda repete de memória os versos iniciais do maravilhoso poema *Sueño*, o primeiro grande poema da língua espanhola escrito nas terras americanas e publicado em 1692:

Piramidal, funesta, de la tierra
nacida sombra, al Cielo encaminaba
de vanos obeliscos punta altiva
escalar pretendiendo las Estrellas.³

O contato com os autores do América Latina e da Europa, entre outros países, tais como os espanhóis Juan Ramón Jiménez e Miguel Hernández, os mexicanos José Gorostiza e Rubén Bonifaz Nuño, os peruanos César Vallejo e Martín Adán, os franceses Stéphane Mallarmé e Saint-John Perse, os hondurenhos Edilberto Cardona Bulnes e Fausto Maradiaga, criou uma relação de proximidade com o barroco. “A poesia que mais me emociona é a poesia de outros e não a

³ CRUZ, Juana Inés de La. *Sueño*. Disponível em: <http://ucsj.edu.mx/dec/sjm/dos_sonetos/imagenes/elsueno.html> Acesso: 15/04/2020.

minha poesia e é, por isso, que eu leio e admiro os grandes poetas barrocos”, revela Leonel Alvarado ⁴.

Um dos poemas influenciados pelo barroco foi produzido no momento da perda da mamãe Teresa Villeda. *Retrato de Rembrandt: mamá o estudio del Ave del Paraíso* é baseado em uma obra do artista holandês Rembrandt, que é reconhecido pelo uso da luz e da sombra, ou mais, da escuridão.

Se levantaba temprano y se acomodaba las alas
que le habían crecido durante el sueño.
Todos dormidos y ella en sus alas, las alisava
frente al espejo, las extendía con ternura
y se sentía a flotar en medio de la casa.
Después salía del cuarto
y apenas entraba en la cocina
las plumas comenzaban a desprenderse.
Las iba dejando en el café, en el esfuerzo
infinito de multiplicar el pan, en el trajín
que empezaba a abrir los ojos
en todos los rincones de la casa.
Un último intento de abrirlas
se enredaba en los tirantes de la blusa.
Le pesaban menos en la espalda
a medida que el día le pesaba más
en todo el cuerpo. Hubiera querido
pasearlas con dignidad por las aceras,
sentirlas brillar al sol, volver la casa
y espantar los fantasmas con su aleteo,
relumbrando en alas echaría de la casa
a todas las tristezas. pero cuando volvía
no estaba en alas. por eso la casa y los días
le caían encima y la mandaban a dormir
con el último retoño marchito en la espalda. (ALVARADO, 2014, p. 39-40)

A universalidade é marcante nas obras de Alvarado, porque sua escrita mergulha no vazio existencial entre o vivido e o desconhecido, ou seja, a dor de cada um ao se deparar com as injustiças, como a fome e a violência. Um desses

⁴ ALVARADO, Leonel. Entrevista concedida a Luciano Victor Barros Maluly. Wellington Access Radio. Wellington (Nova Zelândia), 22 de outubro de 2019. Transmissão também pela Rádio USP, em 9 e 16 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/index.php/2020/02/>> Acesso: 15/04/2020.

poemas destaca a perspectiva pessoal sobre a guerra [civil] da Síria. “Imagina, um hondurenho que mora na Nova Zelândia e vai falar sobre a Síria. Mas acho que a música, a poesia, permitem esses encontros e essas loucuras, às vezes”, esclarece. *Damasco, Amor* trata da relação entre nossos dramas pessoais, que consideramos ser mais importantes que as demais coisas no mundo.

Hoy, corazón, no eres más importante
que Damasco. 68 o 70 han sido
despedazados por una bomba
Hoy tu y yo
somos 68 o 70 veces menos importantes.

La inexactitud de la cifra deja un vacío
que nosotros dos no podríamos llenar.
Dos vidas más, dos vidas menos perdidas
en el resuello brutal de la bomba.

Hoy tu insomnio y las amanecidas preocupaciones
por el rumbo de tu vida a la gravísima edad
de los cuarentitantos valen menos que esas dos vidas
que la bomba no permite confirmar. Mientras
te afanas en tus cremas y yo me detengo
en mis canas prematuras Damasco no se pone
de acuerdo en su cifras. No te molestes
en polvearte la cara; decir polvo hoy
es decir Damasco, y tu y yo importamos
hoy menos que ese polmo. Que Damasco sea

hoy tu crisis existencial, tu menopausia,
el crujir de mil huesos, mi próstata
para que no olvidemos que hoy Damasco
pesa 78 o 70 veces más. (ALVARADO, 2018, p. 38)

O ANDARILHO hondurenho

A descoberta de novos lugares revelou o andarilho hondurenho que, de olhos abertos, descobria, de um lado, o dilema latino-americano e, de outro, a (im)perfeição imperial norte-americana. De 1994 a 2002, morou nos Estados Unidos, em Arkansas, onde estudou inglês; Maryland, onde fez mestrado e doutorado em literatura latino-americana, e na Pensilvânia, onde foi professor de estudos latino-americanos.

A busca por novos caminhos o conduziu à Nova Zelândia, em 2002, para ser professor na Massey University. Ele ainda recorda do primeiro dia no novo país, quando um colega o levou para conhecer o Rio Manawatū, que circunda a cidade de Palmerston North e é um rio sagrado para a cultura maori. Esse primeiro contato com aquelas águas foi significativo, porque o conectou com as águas do Rio Copán, sagrado para a cultura maia. Esse encontro foi a base para seu poema *What Stones Know* (O que as pedras sabem), anos depois incluído em um livro escrito diretamente em inglês.

Nothing happens if I say stone.
But if I say stone from the depths
of the Manawatū river, the stone
remembers a time before the name
when it was just a hard thing
polished by the waters.

I bring home a few rocks from
the river. My son emerges
from his universe of virtual warfare
and picks up a pebble
that might have been touched
by Te Peeti Te Awe Awe during
the Musket Wars. This pebble
existed before the first Rangatira,
before Cook and before the immigrant
who is coming through customs
with new names for pebbles and rocks.

We travel to remote places to hear
the language spoken by rocks
as ancient as the pebble no one notices
by the side of the road. Only those rocks
touched by a miracle or mere chance
are saved from the anonymity
of archaeological waste.

Stones act in mysterious ways.
The pebble that killed Goliath is now
thrown by a boy at a military tank.
A man about to be hung kicks a stone
and for a brief moment is a child again.
A woman is stoned to death by the Taliban,
but what do stones know about Sharia Law?

Did God, time or nature breathe death
into those stones? The woman
could not be saved even if the thing
we call rock or stone did not exist.

Would the stone used to kill be as lethal
if we called it by any other name?
Could it be taken back to the river
where I would find it so that it can be
passed from a Māori warrior to a boy
who fights in real time? Even before

its mana was trapped under the names
kōhatu or stone, this hard thing
was already breathing
life or death into the universe. (ALVARADO, 2014, p. 45)

A diversidade cultural da Nova Zelândia fez Leonel Alvarado se sentir em casa, porque, assim como Honduras, esse é um país pequeno e cheio de surpresas. Uma dessas revelações foi o interesse dos jovens locais pela história, a arte e a política latino-americana. “A Nova Zelândia também tem um processo de colonização e uma cultura indígena muito rica, o que é importante para entender o país”, explica o professor de Massey University.

Quando morou em Palmerston North, uma pequena cidade próxima a Wellington, capital neozelandesa, Leonel fez vários eventos importantes na universidade e também na biblioteca pública. As pessoas ficaram interessadas em conhecer a cultura latina, não só para aprender as principais línguas oficiais, como português e espanhol, mas também para saber um pouco mais sobre o tupi, o guarani, quéchua, nahuatl e quiché, entre outras línguas e culturas tradicionais.

Como coordenador dos programas de português e espanhol da Massey University, Alvarado destaca que, além do ensino, o programa é um espaço de encontro: “O curso não é só para aprender a língua, mas também para entrar em contato com as pessoas da comunidade latino-americana que moram aqui, entre elas, muitos artistas”, enfatiza.

O contato com a cultura maori foi essencial para Alvarado, pois encontrou diferenças, mas também elementos compartilhados entre ambas as culturas [latino-americana e neozelandesa], como as músicas e os poemas. Essa integração multicultural mudou de acordo com o convívio. “Moro aqui há muito tempo e

acho que isso influenciou, e muito, na construção da minha obra: daqui e de lá”. O seu poema *The Chair’s Memory* (A memória da cadeira) se refere à árvore kauri, sagrada para a cultura maori, mas de origem sul-americana e da família *araucaria*, desde a época do supercontinente Gondwana:

The chair is how the kauri forgets
itself into the world. It has nowhere
to go but this chair. On these four legs
come to rest the kauri’s dreams.

Here we meet and here
we say goodbye to what
the kauri might have been.
The chair is its definitive farewell.

I’d like to think that the firm
yet welcoming embrace of the chair
is how the kauri forgives us all. (ALVARADO, 2014, p. 28)

A paixão pela palavra aproximou Leonel Alvarado da música universal, gerando frutos, como a canção *El sur que soy*, que foi produzida em parceria com o artista panamenho Rómulo Castro, além dos alunos e artistas maoris, no ano 2017. Esse trabalho recupera a angústia dos latino-americanos que deixaram sua pátria e procuram outro Sul, e ao mesmo tempo fala sobre as mudanças que fazem parte desses encontros culturais e territoriais. A canção foi gravada em três línguas: espanhol, maori e inglês:

Antipódico vengo y no lo soy
y quién diría lo contrario;
buscando nueva vida, vida hallé
pero es puro itinerario.

Como *camote* a kumara,
como pehuén araucario,
de Gondwana compartida,
en abrazo originario

Se llama sur esta partida,
se llama vida abandonada,
ilusión a medio hacer,
larga espera trajinada.

Del Caribe al Mar de Tasmania

*mis historias llegaron a esta playa.
Media vuelta al planeta que respiro,
viajecito de apenas un latido.*

¿Cuánto dura y perdura este mar?
¿Qué tan honda es la huella
que en las ansias de sur nos guió
por senderos de estrellas?

Es más pequeño, sin duda,
que los mundos que el viajero
lleva dentro de sí
para poblar su destierro.

Se confunden continentes,
pierden el rumbo las aguas,
se desorienta el Caribe
en el sueño del Tasmania.

*Del Caribe al Mar de Tasmania
mis historias llegaron a esta playa.
Media vuelta al planeta que respiro,
viajecito de apenas un latido.*⁵

129

Essa integração cultural também aproximou Leonel Alvarado de artistas latino-americanos, como os brasileiros Alda Rezende e Taciano Milfont, o argentino Emilio Bertrand, entre outros que moraram, vivem ou estiveram na Nova Zelândia. Esses encontros ocorreram durante a realização de eventos com diversas embaixadas latinas, como Brasil, Argentina, Chile, Cuba, Espanha, entre outras. O trabalho foi desenvolvido pelo Departamento de Português e Espanhol da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Massey University, que é coordenado por Alvarado, com apoio das professoras Cristiane Oliveira e Raquel Direnzo, entre outros docentes e funcionários.

Vale destacar que, além das aulas, existem várias atividades de pesquisa, cultura e extensão, que são desenvolvidas em parceria com a comunidade latina. Uma dessas iniciativas foi a Semana da Língua e da Cultura Espanhola, que

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IIsD228bbNM&feature=youtu.be>> Acesso: 12/04/2020.

aconteceu em outubro de 2019 e promoveu diversas ações gratuitas, como dança, teatro, literatura, música, cursos etc. Alvarado e seus colegas também organizam mostras de cinema, palestras sobre cultura da América Latina e eventos musicais com os artistas mencionados.

UM TEMPO de Brasil

Leonel Alvarado chegou ao Brasil em 2018 para estudar português e pesquisar literatura e cultura, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. “A Massey University tem impulsionado vários projetos com a UFRJ sobre o ensino do português e a revitalização das línguas indígenas”, explica.

Alvarado logo começou a desvendar os segredos da cidade maravilhosa, como dissemos, entre o vivido e o desconhecido. Essa descoberta o fez escrever a crônica *Diário do Rio* (2020, pp 3-8) para refletir sobre a sua experiência diária e “tentar sair da minha enorme ignorância, além de capturar meu fascínio por uma cultura tão rica, complexa e perplexa”, disse o autor. Isso consegue se refletir no trecho intitulado *Formiga no Forte*:

Vi uma formiga no Forte de Copacabana. Uma formiga atravessando a mureta que separa o Forte do mar. Ipanema e Copacabana ficam longe dessa formiga e ela não sabe dos turistas, dos governos militares, das guerras de independência, dos holandeses que controlaram a produção de açúcar no Nordeste, dos Bandeirantes do século XVI que caçavam indígenas e buscavam pedras e metais preciosos. A formiga não sabe do Forte, mas o Forte existe para que essa formiga possa atravessar a mureta e séculos de história brasileira.

A formiga ia depressa, possivelmente tinha esquecido alguma coisa no outro século. Talvez precisasse de uma coisa que os Bandeirantes haviam deixado entre as pedras preciosas e o sangue dos escravos. A mureta a ligava a tantas coisas que ela e nós preferiríamos esquecer.

Tirei uma foto da formiga. O Pão de Açúcar, sitiado pelos turistas, e não pelos holandeses donos das plantações de açúcar, fica ao fundo. Se a formiga pudesse, iria até aquela pedra, olharia para o mar e perguntaria “O que aconteceu aqui? Quem é o dono desse mar? Quanto sangue foi derramado para governar esta baía?” Mas é possível que a formiga não pergunte nada, só chegue e busque outra mureta que não esteja manchada por tanto sangue e tanta dor.

É possível que a formiga só busque aquilo que esqueceu em alguma parte do Rio, algo que todos esquecemos alguma vez e que nunca pudemos procurar porque alguma tristeza o engoliu.

O Pão de Açúcar e o Forte seguiram existindo. A formiga passará, nós passaremos, mas hoje tudo o que existe, existe para essa formiga que atravessa todas as muretas de nossa vida. (ALVARADO, 2020, p. 4)

As andanças pelo Brasil resultou no convite para representar à Massey University no Seminário de Cooperação Acadêmica Nova Zelândia e Brasil, que aconteceu no Hotel Intercontinental, em São Paulo, em 2 de abril de 2019. Organizado pela Embaixada da Nova Zelândia e a Education New Zealand, o evento contou com a presença de representantes de diversas universidades e instituições de fomento desses países.

Foi nesse dia que surgiu a ideia de iniciar um projeto com a Universidade de São Paulo (USP) para promover ações com a Massey University. A proposta visava entender a relação multicultural entre os países da América Latina, com destaque para o Brasil, e a Nova Zelândia. A atividade central seria destinada à produção multilíngue de programas de rádio.

As atividades acadêmicas começaram intensamente em outubro de 2019, nas cidades de Wellington e Palmerston North, onde foram realizadas as gravações com artistas brasileiros de destaque na Nova Zelândia, como a cantora Alda Rezende, o ator Henrique Beirão Burjac e o ativista cultural, professor e psicólogo Taciano Milfont. O ponto alto foi a entrevista com o escultor e instrumentista maori Warren Warbrick, considerado um dos principais artistas desse país.

Um dos momentos mais marcantes dessa parceria foi a gravação de um programa bilíngue, em português e espanhol, para a Semana da Língua e da Cultura Espanhola, que aconteceu de 21 a 27 de outubro, na capital neozelandesa. O programa foi transmitido *ao vivo* pela Wellington Access Radio, no dia 22 de outubro, e contou com a produção do argentino radicado na Nova Zelândia, Armando Baudin.



FIGURA 2: Alvarado na Wellington Access Radio
FOTO: Armando Baudin

Essas gravações foram apresentadas à Rádio USP, entre 9 de fevereiro e 5 de abril de 2020, sempre aos domingos, às 11 horas, e estão disponíveis em *podcast* no site de radiojornalismo do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo. A série de entrevistas integra o *corpus* da pesquisa *Radiojornalismo e Integração entre a América Latina e a Nova Zelândia*, que envolve a Universidade de São Paulo e a Massey University. Um dos braços desse projeto é a pesquisa de pós-doutorado *Brasil-Maori: o rádio como ferramenta de integração entre Brasil e Nova Zelândia*, desenvolvida por Carlos Augusto Tavares Júnior, na ECA-USP.

Leonel Alvarado é um homem de muitas palavras quando ministra suas aulas, declama poesias ou, simplesmente, deseja trocar ideias. Descobrir esse autor latino-americano nas Antípodas demonstra que o ser humano ainda vale a pena. Solicitamos uma mensagem final e ele nos deixou o poema *Lugar, este animal*, que é sobre o futuro que não fomos, tínhamos expectativas e muitas coisas não aconteceram.

Por todas partes hay esto que se llama lugar, el
animal, ya lo dijo Boccanera, más grande de la
tierra. Su existir es un rebalse
de centros y orillas. Le sobran nombres:

se llama ciudad, roca, montaña, metedero; le
nacen árboles, gentes, trenes, caballos
y cosas que están en su lugar o fuera de lugar.
Sólo el lugar no está fuera de lugar. Uno cruza
diez mil kilómetros para dar con el lugar.
Uno mastica otro idioma para caber en el lugar.
Uno improvisa vida, alquila un pedazo de lugar, le
crecen hijos que ya son de otro lugar.
Uno puede irse de tal o cual lugar, extrañarle
una esquina, un árbol, cierto atardecer.
El único lugar seguro, el del nunca irse,
está abajo, en el lugar más hondo del lugar,
allí donde la tierra nos abre el lugar definitivo. (ALVARADO, 2018, p. 46)

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Leonel. “Diário do Rio”. In: *Revista Alterjor* Número 21. São Paulo, janeiro-julho 2020, pp.3-8. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/165499/158707>>.

ALVARADO, Leonel. *El futuro que no fuimos*. Tegucigalpa: Editorial Universitaria, 2018.

_____. *Retratos mal hablados*. La Habana: Casa de las Américas, 2014.

_____. *Driving with Neruda to the Fish ‘n’ Chips*. Palmerston North, NZ: Haunui Press, 2014.

_____. *El reino de la zarza*. Costa Rica: EDUCA, 1994.

ALVARADO, Leonel; CASTRO, Rómulo. *El sur que soy* (música). Duração: 9’37”. Letra: Leonel Alvarado e Rómulo Castro. Nova Zelândia, 13 de fevereiro de 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IISD228bbNM>> Acesso em: 12/042020

ALVARADO, Leonel. *Entrevista* concedida a Luciano Victor Barros Maluly. Wellington Access Radio. Wellington (Nova Zelândia), 22 de outubro de 2019. Transmissão também pela Rádio USP, em 9 e 16 de fevereiro de 2020. Disponível em:

<<http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/index.php/2020/02/>>. Acesso em 15/04/2020.

CRUZ, Juana Inés de la. *Obras completas*. México: Editorial Porrúa, 2007.

_____. *Sueño*. Disponível em: <http://ucsj.edu.mx/dec/sjm/dos_sonetos/images/elsueno.html>. Acesso em 15/04/2020.

Artigo recebido em: 23 de abril de
2020. Artigo Aprovado em: 29 de
outubro de 2020.

134